

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:—ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum.	20 réis
Comunicado:	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

Quinta feira 27 de agosto de 1896

RESUMO

Aos caçadores, por PALERMO DE FARIA.—O que se deve fazer, por H. OLAVRAC.—O tiro no ar.—O direito de caçar, por MARTELEIRO.—Pensando em caça, por BAPTISTA DE SA.—Club de caçadores de Vianna do Castello.—Associação protectora da caça em tempo defeso.—Carreira de tiro.—Lobos.—Associação dos Atiradores Civis Estrella.—Tiro Civil em Bragança.—Aviso.

Aos caçadores



A EPOCHA do defeso, que terminou ha pouco em alguns districtos e concelhos e que em breve vae acabar em todo o paiz, apesar da excepcional propaganda feita este anno em seu favor, não teve os resultados que seria licito esperar em sociedade civilisada e comó tal obrigada a respeitar a lei.

A abertura da caça foi apenas uma figura de rhetorica, em que sómente os ingenhuos acreditaram, pois realmente não houve abertura pela simples razão de não ter havido encerramento. Já aqui o dissemos, e os nossos estimaveis colaboradores clamam todos no mesmo sentido: a lei não foi cumprida, as auctoridades administrativas fizeram vista grossa a quantos armaram ratoeiras, destruíram ninhos e deram fogo sobre os perdigotos e os láparos, por não lhes parecer digna de attenção maior uma transgressão ás posturas camararias que, quando convenientemente reprimida, provoca inimidades e malquerenças que podem ser altamente prejudiciaes em momentos tão angustiosos, como aquelles em que é indispensavel chamar a capitulo todos os eleitores e reunir junto da urna todos quantos podem escolher o seu legitimo e genuino representante na camara legislativa.

Absoluta e completamente estranhos a estes processos, encaramol-os sob o exclusivo ponto de vista do prejuizo que

acarretam e do mal que fazem á industria da caça, que poderia dar para o thesouro proventos bastante apreciaveis e para os caçadores momentos de verdadeira satisfação.

E', portanto, indispensavel que sobre o assumpto se medite e se reunam todas as influencias para que possa levar-se ao parlamento um projecto de lei claro e terminante que de vez ponha côbro ao abuso e á selvageria e permita fazer entrar na legalidade administradores e administrados. É para conseguir este fim, que nos parece de grande utilidade, depara-se-nos um só meio: reunir uma grande assembléa de caçadores, propôr, discutir e approvar n'essa assembléa o projecto de lei e apresental-o ao governo do Estado para que o faça sancionar pelo poder legislativo.

Quando a redacção do *Tiro Civil* pensou em fazer a exposição nacional de caça e pesca, que circumstancias varias e principalmente as de ordem economica obrigaram a demorar, é que o signatario d'estas linhas propoz se includesse nos certemens a realizar por occasião do 4.º centenario da India, com a felicidade de vêr a commissão executiva accetar a proposta e incluir a exposição nacional de caça e pesca no seu programma, já havia pensado tambem n'um congresso de caçadores nacionaes d'onde sahisse o projecto de lei necessario para que a caça tivesse entre nós todas as regalias e todos os incitamentos que n'outros paizes lhe estão de ha muito garantidos.

E' dos mais opportunos o momento; o proximo outomno é, affigura-se-nos, occasião excellente para se reunir a assembléa de caçadores que será a percursora d'um congresso a celebrar mais tarde e em que se possam já apresentar seguras e uniformes bases de discussão. A' disposição d'essa assembléa ficam desde já as salas da redacção do *Tiro Civil*, rua de S. Paulo, 216 3.º, e estarão tambem, certamente, no mesmo caso as da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes e ainda as da Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso. Resta, pois, a adhesão de todos aquelles que nos quizerem honrar com o seu apoio e com o seu auxilio, certos de que com a maior lealdade e com o maior desinteresse nos collocamos á disposição de todos os caçadores portuguezes, confiados em que saberemos ajudal-os n'uma propaganda util em favor d'uma riqueza e em beneficio d'um exercicio que, além de ser por todos considerado como altamente hygienico, tem ainda a vantagem de educar atiradores que poderão mais tarde ser os mais seguros esteios e os mais efficazes defensores da integridade da patria.

A indicação está feita e, se realmente é merecedora de attenção, que nos enviem as suas adhesões os que desejarem acompanhar-nos n'esta tentativa e n'este empenho.

PALERMO DE FARIA.

O QUE SE DEVE FAZER

ESTAMOS no começo da epocha de caça e os caçadores que esperançados no resultado da ardua campanha que encetámos pelo defeso, se muniram da competente licença de porte d'arma e se espalharam pelos pontos que conhecem como mais abundantes em caça, voltam agora desanimados. Tudo está caçado; os bandos de perdizes dizimadas, e as poucas que se vêem mostram bem que ha muito lhes tem ferido o timpano o estrondear da polvora. Foi pois um desgano, e mais doloroso do que nos annos anteriores, porque agora tinham os caçadores esperanza nos resultados das medidas tomadas em alguns concelhos; mas pelo que vemos tudo ficou no papel e nada se levou á pratica.

No entanto temos que nos felicitar pela boa vontade e auxilio que encontrámos no ex.º sr. conselheiro Eduardo Segurado, governador civil do districto de Lisboa e confiamos que s. ex.ª obterá de futuro, das auctoridades que lhe estão subordinadas mais cuidado pelo cumprimento das leis da caça. S. ex.ª é o mais valioso auxiliar que encontrámos na luta em que não pensamos desanimar.

Mas agora, que entramos em pleno periodo de caça, não se pense que estão concluidos os nossos trabalhos até março de 1897. Não; ha muito que fazer e muito caminho a preparar para conseguir alguma coisa proveitosa e pratica.

Alimentamos a esperanza de que o defeso para o anno dê outros resultados mais proveitosos para os caçadores e para o paiz, (porque nunca nos esquecemos de que a caça e a pesca são riquezas nacionaes), mas para isso é necessario reunir o maior numero possivel de campeões a defender o nosso sport.

E' agora, é com tempo que devemos trabalhar, é immediatamente que devemos preparar as nossas forças para declarar guerra, e guerra sem treguas, no dia 1.º de março de 1897, aos caçadores furtivos, aos destruidores de ninhos, aos homens sem consciencia que caçsm no defeso e... ás auctoridades que não saibam ou não queiram cumprir os deveres que a nossa lei de caça lhes impõe.

Temos já uma Associação Protectora da Caça, é a ella que compete marchar na vanguarda.

Esta Associação formou-se há dois dias debaixo dos melhores auspicios e prognosticamos-lhe um futuro cheio de beneficios para a caça e para os caçadores, se fór sabiamente administrada, se caminhar com tenacidade e sem hesitações, sobre tudo se fór previdente, persistente e nunca precipitada. Acreditamos que assim será, pelos homens que tem á frente, verdadeiros dedicados.

Nós para nada valem, mas obrigamos-nos a auxiliar-a em tudo aquillo para que as nossas minguadas forças lhe sirvam.

E' a Associação Protectora da Caça que nos vamos dirigir e são para ella os periodos que se seguem; esperamos ser perdoados da ousadia, mas temos a proteger-nos como manto recamado de illusões o nosso acrisolado amor á nobre causa que communitmente defendemos.

Como disse já, ha muito que fazer, mas é necessario um estudo e proceder com methodo nas nossas pretensões. Primeiro que tudo devemos attender aos capitulos de interesse geral e de resultados immediatos, depois tratar-se-hão os assumptos que mais de perto respeitam á Associação. A Associação começará por fazer um bem aos socios e aos que o não são, posteriormente olhará por si.

Affigura-se-nos que tres cousas se impõem desde já:

1.º Tornar igual o periodo *defeso* em todo o paiz.

Para que a caça esteja creada e desenvolvida, conviria que o *defeso* terminasse no dia 1 de setembro, mas como o dia 15 de agosto é santificado e immutavel, para que a abertura da caça, uma festa popular nos paizes cultos, esteja ao alcance de todos sem sacrificio, para as suas occupaões, parece-nos preferivel este dia.

Sendo rigoroso o *defeso*, durante cinco mezes e meio são abundantes as creações. Igualando o periodo do *defeso* facilita-se o trabalho da Associação.

Por estas e milhares de razões que poderíamos apontar a nossa opinião é que o *defeso* começando no dia 1 de março termine em 14 de agosto em todo o paiz.

2.º O periodo do *defeso* é rigoroso e include a codorniz, não ha excepções.

Deixemos embora chorar os Jeremias, contra factos não ha argumentos.

Agora que em toda a parte onde existe a codorniz se vae começar a caçar a delicada avesinha, nós em Portugal, no paiz que melhor se presta á sua propagação, cuja temperatura amena quasi as aclima, vamos sacrificar os restos, vamos inolar as que se refugiaram nos milharas altos ou se esconderam nos vinhedos guardados.

Actualmente no principio do periodo de caça, devíamos ter milhões de codornizes, que entretinham os caçadores até meados de outubro, dando tempo a desenvolverem-se as ultimas perdizes e coelhos que seriam o prato de resistencia farto e abundante.

3.º As licenças para caçar devem ser dadas sómente por seis mezes e o seu custo será igual em todo o paiz.

A primeira parte d'esta medida que á primeira vista parecerá de pequena importancia, é na realidade de um grande valor e auxilio para os trabalhos da Associação.

A segunda parte é racional; não conhecemos razão alguma que possa justificar as excepções feitas para Lisboa e Porto. Acreditamos mesmo que a taxa de 2\$000 réis para cada licença deverá satisfazer os mais exigentes dos caçadores serios e que mereçam o nome de discipulos de Santo Humberto.

São estas as tres leis que devem segundo a nossa opinião occupar a cabeça do rol, nos trabalhos que a Associação se propõe encetar. Todas ellas são justas e racionais; nenhum governo se opporá á sua approvação.

Para estas ou para quaesquer outros trabalhos que se pense levar a cabo é conveniente desde já angariar o maior numero possível de adeptos e de assignaturas. E' necessario fazer propaganda pela provincia.

No Porto ha um aficionado entusiasta, o sr. Baptista de Sá que pessoalmente não temos a honra de conhecer, mas que certamente se prestará a reunir em volta de

si um nucleo de propaganda no norte cujo cujo fim será radicar n'essas provincias as ideias da nova Associação e reforçar os projectos d'esta com as assignaturas dos caçadores que n'aquellas regiões se contam ás centenas. Enganar-nos-hemos?...

Estamos já ouvindo commentarios das poucas pessoas que lerem o nosso artigo, além das modificações que apontamos dirão elles, falta isto, aquillo e aquell'outro...

Não nos esqueçemos, lembramos-nos de tudo isso e talvez d'algumas outras que os nossos leitores nunca sonharam, mas vamos devagarinho para chegar depressa e sem magoar os calos. Até outro dia.

H. OLAVRAC.

O TIRO NO AR

DESDE que o balão entrou no material indispensavel dos exercitos em campanha, perguntou-se, d'um lado, como se poderiam na guerra desembaraçar d'elle e, do outro pelo contrario, se estava no caso de resistir aos exercitos do inimigo.

O espião aereo foi objecto dos estudos dos officias em França, na Allemanha, na Austria e na Russia.

Os resultados das experiencias merecem ser apontados. Parece que não é, na verdade, tão facil como se pensa, desembaraçarem-se dos balões observadores.

Em primeiro logar a espingarda actual de pequeno calibre não é muito perigosa para um aerostato. Os projectis fazem pequenos buracos por onde a sahida do gaz é insignificante. Reconheceu-se fazendo numerosos tiros sobre um aerostato a 300 metros de altura. O unico inimigo possível do balão é o obuz de balas. Ensaiou-se com as distancias de tiro de 3.000 metros e de 5.000 metros ás altitudes de 200 e de 800 metros.

A 3.200 metros, sobre um balão pairando a 200 metros, os artilheiros russos acertaram no alvo com 25 balas em 30 tiros. A 5.000 metros, o balão elevando-se a 250 metros, os artilheiros allemães acertaram 20 balas em 26 tiros. Mas quando o aerostato sobe a 800 metros, não se acertaram mais de 2 balas em 65 tiros e 2 balas em 80 tiros (Austria 1895.) Estes ferimentos não são geralmente mortaes.

Muitas vezes, as balas e os estilhaços de obuz não fazem sensivelmente maior mal ao aerostato do que projectis das espingardas de pequeno calibre.

Balões varados com 8 balas no involucro conservaram a sua força ascensional; outros desceram, mas lentamente, á maneira dos pára-quadras. Se, pelo contrario, havia rasgão, o balão descia rapidamente.

D'estas experiencias tinha-se concluido que, para subtrahir um aerostato ao damno dos projectis perigosos, era preciso ficar a 5.000 metros do inimigo e á altitude de 800 metros. Estas condições eram bastante severas. Erã-n'o sobretudo porque, nos seus ensaios, tinha-se admittido que as oscillações do balão não excediam 20 metros.

Na realidade, na pratica, o aerostato desloca-se muito mais.

Recomeçar-se-ha pois deixando ao balão os seus movimentos. O *Budapest* que serve de alvo é um balão de 10 metros de diametro horizontal e de 15 metros de diametro vertical. Deixaram-no elevar até 800 metros. Uma bateria de 8 canhões de 8 centimetros foi collocada a 5.250 metros. O angulo do tiro foi por consequencia de 25° a 27° o que obrigou a enterrarem as culatras, condição que

nem sempre seria facil em terreno duro ou em rocha.

Começaram o tiro, mas o balão mudava constantemente de logar. Os aeronautas, abrigados, faziam mover o carro a que estavam presos com o auxilio d'um cabo.

Foi necessario começar novas pontarias, etc. Dispararam-se 80 obuzes, isto é todas as munições destinadas á experiencia. Quando o balão desceu, verificou-se que lhe tinham feito 3 furos bastante modestos e que não tinha perdido a sua força ascensional. Tinham-se disparado 10.000 balas e estilhaços d'obuzes. Os officias austriacos concluíram que um balão, deslocando-se, tinha grandes probabilidades de sair indenne do ataque e que seria preciso diligenciar attingir o carro e os serventes.

A altura de 800 metros foi considerada como um maximum; além as observações tornam-se incertas e basta afinal para tornar o tiro difficil.

A distancia deve ser mantida entre 8 e 10 kilometros. O commandante Renard, director do estabelecimento d'aerostação militar de Meudon Chalais, que resumiu o primeiro dos documentos que relatamos, faz notar com razão que era preciso, para despistar a artilheria do inimigo, não se contentarem em deslocar o balão na mesma linha. E' claro que, em vez de o seguir nos seus movimentos, o adversario se limitaria a esperar-o nos pontos extremos do seu percurso e fazer fogo quando estivesse na linha da pontaria.

Será necessario variar as direcções dos movimentos e até a altitude do aerostato. Fazendo isto, obrigar-se-ha o inimigo a enterrar as culatras e a desenterrar-as constantemente, regular a pontaria de instante a instante. Durante este tempo o balão fará tranquillamente o seu trabalho e a sua exploração.

Em resumo, o balão parece dever defender-se bastante facilmente contra os tiros do inimigo. Desejaremos continuar a fazer estas tranquilladoras affirmativas, mas não ha duvida que os acontecimentos podem desmentil-as.

O DIREITO DE CAÇAR

(Continuado do n.º 77)

PARA comprovar o que dizemos ahi vae uma amostra de bellezas que um dictionario aponta n'outros e a que conservamos todo o sabor com que as encontrámos.— *Azote*, s. m. A materia primeira do metal.— *Maquina*, artificio com que se facilita o movimento de levantar.— *Tisica*, s. f. doença causada de chaga no bófe.— *Murça*, pelle de rato em hombro de ecclesiastico.— *Brejeiro*, de brejo: que anda no brejo, onde naturalmente se fazem cousas brejeiras!!!...— Mas uma vez que v. ex.ª gosta de dictionarios ahi vae tambem sem traducção, um bocadoinho de Larousse: «La fixation d'époques de chásse différents pour le gibier de passage et pour le gibier d'eau facilitant les délits, le chasseur résistant difficilement à la tentation de tirer le gibier ordinaire qu'il fait lever, il est d'usage, si des habitudes et les intérêts des populations n'y mettent obstacle, de fixer une seule et même époque pour les diverses natures de gibier.»

Ha algum obstaculo serio que se opponha á prohibição da caça á codorniz durante a véda?

Ha algum interesse que sobreleve aos que já dissems serem lesados?

Que nos conste só ha um habito mas conhecemos um outro, bem mais arregaado

e que felizmente vimos morrer, tal era o da espera dos touros de onde ao menos muita gente tirava proventos.

O trecho que transcrevemos vem agora livrar-nos d'um embaraço terrível, porque, em boa verdade temos tido tempo para tudo até para caçar leões, perdão, javardos, excepto porém para tentativas scientificas, litterarias ficando portanto estarecidos ao ter que medir a nossa sciencia com a dos quarenta na definição do que é caça e do que são caçadores.

Consideramos a caça como o mais confessavel dos vícios, mas vicio e, portanto, o caçador como um vicioso muito capaz de fazer o que diz Larousse.

E não se zangue v. ex.^a se nós lhe dissermos que, muito crentes de que é um cavalheiro, duvidaremos muito de que falle verdade quando affirmar que não atirou ou atiraria, andando á caça de animaes de certa especie, aos de uma outra que seja defeza; ou então v. ex.^a não é caçador.

Não confiamos em nós e temos a immodestia de acerditarmos que, em regra, os outros não valerão mais, quando se tratar de abusos no exercicio da caça.

E deixe-se v. ex.^a de *tolos* e de *ineptos*! Para que são tantos adjectivos? O homem mais digno e austero pôde ser arrastado e ridiculo por um vicio, á infamia mesmo, e se por vezes a sociedade é obrigada a punil-o é com dó que o faz; nós, creia, lamentamos mais que condemnamos o que se fez em Lisboa e depois, como estamos em epocha de monopolios, não é bom applicar a uns o que pôde ser privilegio exclusivo de outros, como por exemplo da nossa humilde pessoa, cuja ingenuidade v. ex.^a admira.

Mas olhe, isto aqui para nós, não acreditamos nada d'aquillo que v. ex.^a diz, nos fizeram acreditar, e até dissemos que *vimos* ninhos de codorniz e pintainhos voando atrás das mães; mas o que é certo é que as *taes almas perversas* já se não dirigem ao pobre Martelleiro e atrevem-se a ir a um dos jornaes mais considerados do paiz ejacular este mimo.

«Outros assumptos poderiam ser proveitosos, como a concessão de porte d'armas no referido período ser exclusiva e restrictamente para uso d'armas de fogo na caça das codornizes nos terrenos denominados *Lezirias do Ribatejo* onde este genero de caça abunda e ha ausencia de perdizes e coelhos.»

Adoravel! Não acha?!

Mas como, para nós, nem tudo o que está escripto em letra redonda é verdade, sempre gostaríamos de saber porque é que o auctor do periodo que transcrevemos nos não falla de lebres que como ninguém ignora, abundam nas lezirias proximas de Villa Franca, e nos não explica qual foi o cataclismo horroroso que extinguiu os pobres coelhos no Torrão, Alqueidão, Manique, Casa Branca, Esfola Vaccas, Mouchão d'Entre Aguas, Mouchão d'Alfange, Mouchão dos Coelhos, Leziria das Barrocas, etc., onde ninguém contestará que estes animaes têm apparecido em larga escala.

A respeito de perdizes a affirmativa não é menos engraçada, o curso d'agua que passa sob a ponte da Freiria e vae lançar-se no Tejo junto ao Palacio das Obras, proximo da Azambuja, corre tendo quasi sempre a margem direita nas faldas de varias elevações que elle separa dos *taes* terrenos em que, com effeito, a codorniz abunda; mas d'estas elevações temos visto descer as perdizes para os paúes, para o Lezirão, para os campos de Vallada, etc., etc., e o que dá aqui dá-se no curso inferior do Al-

viella, que as perdizes transpõem de Valle de Carreiras para a Leziria das Barrocas.

Não ha pois, digamol-o bem alto, em todo o valle do Tejo um canto qualquer em que a caça ás codornizes não seja motivo de damno para as outras especies e dizemol-o, assim, sem receio do desmentido provando a v. ex.^a que a nossa ingenuidade não é tanta que nos prive de ver e julgar sem ceder a suggestões das *taes almas perversas*.

Por ultimo v. ex.^a, que tem em tão subido grau o respeito pelas opiniões, revele-se-nos tão pouco respeitador das pessoas que é com verdadeiro espanto, senão com magua, que lemos o final da sua carta.

Com magua, sim, porque até certa altura julgámos que v. ex.^a viria combater-nos séria e lealmente, palmo a palmo, cada uma das nossas asserções, mas vemos que não segue esse caminho e prefere ainda fazer *aos barbaros que pedem para caçar ás codornizes em tempo defezo* a injuria de suppor que n'este tempo, tão longe do entrudo haja algum que invergue os andrajões do *Salsa* ou agite os cascaveis do truão e se atreva a vir dizer-nos: Bem te conheço!!!... Bastou v. ex.^a affirmal-o para cremos que todos são cavalheiros e portanto incapazes de jogralidades de circo.

Se prégamos, ou não, no deserto ha de o futuro dizel-o; mas uma prova de que o não estamos fazendo é a carta de v. ex.^a que vem dar-nos o ensejo de o convidar á discussão contanto que seja moldada como o deve ser, para não se dar o caso de ter v. ex.^a que discutir só consigo.

Somos muito pequenos para darmos lições mas fique bem assente que nos não prestamos a recebê-las.

E' nossa intenção combatermos os abusos que se commettem no exercicio da caça; havemos de fazel-o, tanto quanto em nossas forças couber, pedindo por todos os modos uma lei de protecção e como em todas as pelepas ha de haver vencedos e vencedores, nós atrevemos-nos a crêr que seremos dos ultimos.

(Continúa)

MARTELLEIRO.

PENSANDO EM CAÇA

O *defeso* está por um fio cá no districto do Porto; só faltam onze dias para terminar. A inquietação dos caçadores sóbe a olhos vistos. As licenças d'uso e porte d'armas vão já em boa altura, como alta vae a numeração de matricula de perdigueiros, entre os quaes figuram muitos adquiridos este anno, e precedidos d'uma fama d'ordem tal, que os faz suppor capazes de ventar, a mais de quinhentos metros, as perdizes.

Em Lisboa a caça iniciou-se já, como em Aveiro e n'outras terras do paiz; no Porto ainda não, como já disse.

Não se me afigura justo, razoavel, bem entendido, que a caça se abra hoje n'uma parte, ámanhã n'outra, e depois, ainda, n'outros pontos, com differenças de tempo consideraveis, com differenças de muitos e muitos dias.

A caça não devia ser inaugurada assim. A caça devia ser inaugurada no mesmo dia em toda a parte, para que uns não estivessem regalando n'ella suas almas e outros a deplorar a sua sorte, a sua sacrificante condição, resultante d'uma lei que é desigual, que é feita ao sabor de cada um.

Devemos dar muitos louvôres a Santo Humberto por ter mettido em rebanho, e chamado á ordem, este anno uns caçado-

res que por ahí andavam desgarrados, sem rei nem roque, que nunca observaram leis nem regulamentos d'especie alguma sobre caça; devemos dar, por isso, muitos louvores a Santo Humberto. Tenho, porém, pena, muita pena, que elle, o nosso padroeiro, não tivesse conseguido mais, ou feito milagre maior ainda: sinto immensamente que tendo-se feito, algures, umas posturas venatorias, a sua confecção asentasse ainda sobre alicerces viciados por elementos morbidos, sobre principios assazmente combatidos, em lugar de obedecer a rasões basicas de melhor origem, a uma orientação de melhor raça, expurgada de fundamentos doentios.

Temos por uso e costume copiar do estrangeiro coisas que, ás vezes, não deviam merecer sequer a nossa meditação; leis sobre leis tem sido feitas em Portugal, que vão buscar lá fóra, sem necessidade, a agua, a cal, o cimento e a arcia com que tem de ser argamassadas; sobre caça, porém, não se copia nada, não se imita coisa nenhuma do estrangeiro onde, sobre o assumpto muito ha que aproveitar; mas faz-se, pelo contrario, tudo errado, tudo torto, tudo eivado de doutrinas falsas, de doutrinas de ha muito condemnadas pelos praticos no officio, pelos bons meditatores, mas que agradam a meia duzia d'individuos que só cuidam de si, das suas conveniencias, embora reconhecem, cabalmente, que não é correcto o seu procedimento e que arrastam consigo outros á pratica d'accções desmoralisadoras.

Por mais que se tenha dito que a caça' além de ser uma arte, um divertimento, um exercicio hygienico de primeira ordem, é, egualmente, uma riqueza nacional, — nenhum poder legislativo tem querido ouvir essas expressões sinceras, que este anno tem chegado a todos os ouvidos, graças á bella propaganda d'alguns jornaes em favor dos caçadores. Não os tem querido ouvir, nem as ouvirá, talvez, poder nenhum legislativo; eu, porém, não deixarei de as repetir, não deixarei nunca de fazer côro com aquelles que pedem uma lei venatoria que satisfaça, uma lei boa, uma lei represiva de todos os abusos que, se vêm praticando desde longa data; não deixarei nunca de repetir, volto a dizer, essas expressões sinceras, assizadas, dignas da maior reflexão, emquanto não fór decretada uma lei geral, uma lei unica para todo o paiz, que, ao mesmo tempo que inutilise os contraventores, os *esperistas*, os caçadores de laços e armadilhas de toda a especie, abra e feche a caça, em toda a parte, em datas perfectamente eguaes, indicadas por filhos de Diana e agricultores, que são as primeiras auctoridades na questão de que se trata, as entidades principaes, aquellas a quem mais interessa este tão altercado quão escarnecido assumpto.

Nunca me calarei, repito.

Porto, 20 de agosto de 1896.

BAPTISTA DE SÁ.

CLUB DE CAÇADORES DE VIANNA DO CASTELLO

Em beneficio do respectivo cofre, realizou, este club no dia 20 do corrente, na sua escola de tiro, um torneio entre os seus associados.

Os alvos eram 10, sendo: 2 pombos, 4 placas e 4 espheras.

Os premiados foram os srs. Adriano Peixoto, um alfinete de ouro com um veado; Antonio Francisco, da Rocha, um relógio despertador; Emilio Pinto Rosa, um estojo contendo um talher completo, proprio para campo; Antonio da Silva Lima, uma *châtelaine* de prata oxidada.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Sessão da direcção em 25 do corrente. Nesta sessão o sr. Alfredo F. Cartaxo disse que o sr. thesoureiro não podia comparecer á sessão por motivo justificado e que o encarregado de comunicar á Direcção que as cobranças se iam fazendo com regularidade, e que estando pagas todas as despesas feitas até esta data, existia em cofre 22\$310 réis.

Por proposta do sr. presidente resolveu-se que comecem desde já a cobrança de 700 réis por socio, sendo 500 réis de diploma e 200 réis de estatutos; por esta occasião o sr. presidente disse que é indispensavel que na proxima epocha do defeso o cofre esteja habilitado com fundos para acudir ás despesas a fazer, por isso espera e deseja que a cobrança se faça com toda a regularidade.

O sr. João Pedro Fernandes, propoz e foi approvedo que o sr. thesoureiro tomasse contas todos os 15 dias ao cobrador. Por ultimo o sr. José Vidal propoz e foi approvedo que as sessões da Direcção fossem ás terças feiras ás 9 horas da noite.

Ficou em poder do sr. presidente o requerimento e copia da acta da sessão de 30 de junho, para o mesmo sr. requerer a approvação dos estatutos já entregues no governo civil.

O sr. J. P. Fernandes communicou que estavam propostas em branco, para admissão de socios, no estabelecimento de loterias, do socio o sr. João Wierling, Praça do Municipio n.º 1.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 23 do corrente, dispararam-se 1:210 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m ..	120 disparados	62 acertados
> > 200 ^m ..	430 >	158 >
> > 300 ^m ..	620 >	271 >
> > 400 ^m ..	40 >	30 >
Total..	1210	521

O alvo a 200^m, é de figura de joelhos.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 500 tiros:

Alvo a 200 ^m ..	220 disparados	89 acertados
> > 300 ^m ..	260 >	128 >
> > 400 ^m ..	20 >	14 >
Total...	500	121

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta Associação fizeram 250 tiros:

Alvo a 200 ^m ..	90 disparados	30 acertados
> > 300 ^m ..	150 >	47 >
> > 400 ^m ..	10 >	7 >
Total...	250	84

Além dos socios das duas Associações estiveram atiradores dos Grupo Patria, Grupo Atheneu e Grupo Suisso, que fizeram muitas e magnificas series.

Na carreira matricularam-se mais 7 atiradores novos, os srs. Joaquim Dias de Castro, de 28 annos, natural de Ferreira do Zezere; Manoel Joaquim Coelho, de 36 annos, natural de S. Miguel de Arêas; João Marques, da Costa Junior, de 33 annos, natural de Lisboa; Julio da Fonseca, de 21 annos, natural de Lisboa; Francisco de Mira, de 31 annos, natural de Beja; João Gonçalves Braga, de 43 annos, natural de Abrantes e João Gonçalves Marques, de 25 annos, natural de Lisboa.

LOBOS

Em Moncorvo o serralheiro Francisco Antonio Meyrelles Junior propoz-se construir umas ratoeiras para lobos, de sociedade com um pastor chamado Coelho; pôz em pratica o seu intento, construindo tres armadilhas uma das quaes peza 28 kilos, e cada uma das outras 8 kilos.

Na segunda-feira, 17, armou-as no lugar denominado Mendel, no monte Reboredo, e com tanta fortuna o fez, que no dia seguinte, estavam 2 lobos nas ratoeiras, eram dois animaes já bastante corpulentos que teriam de 4 a 6 mezes de idade.

A armadilha maior, não foi bem preparada, não desarmou na occasião propria, de contrario teriam ficado tres bichos, pois se notaram pegadas mesmo no centro do espaço circundado por ella.

Os dois bichos foram logo conduzidos para Moncorvo, ainda vivos, procedendo os caçadores a um peditorio pelos lavradores; a Camara Municipal parece que vae tambem gratifical-os.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

No proximo domingo, 30 do corrente, realisa-se na carreira de tiro em Pedrouços, o concurso de tiro promovido por esta associação, commemorando o seu 2.º anniversario.

Somos de opinião que festas de atiradores, só nas carreiras de tiro ellas se podem levar a effeito, assim o comprehende já a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, festejando todos os annos o seu anniversario com um concurso de tiro.

El-rei, como é de costume, assiste ao concurso. Tudo leva a crer, que seja uma magnifica festa, como são sempre todas aquellas que têm, com esta, o cunho verdadeiramente patriotico.

Já publicámos o programma e damos agora o que podemos obter, até este momento, com respeito a premios atiradores, etc.

PREMIOS

Da Associação Estrella:

1.º Premio Cunha Bellem.—Uma espingarda Kropatchec.

1.º Grupo de atiradores.—Um par de pequenos castiças de bronze, nêo-grego (arte nacional).

2.º Grupo de atiradores.—Um relógio d'aço gravado.

3.º Grupo de atiradores.—Um binoculo aromatico com bussola.

Do Grupo Patria.

Dos srs.: Paula e Mello & C.^a—Fabrica Renascença—Gil Portocarrero—M. Bensabat—J. P. Marcello—João Gomes da Costa.

Do sr. João Consiglieri Pedroso:—Uma pequena marinha (quadro).

Da Fabrica Vulcano.

Do Grupo de atiradores da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes:—500 cartuchos da espingarda K 8^{mm}.

Do Grupo Suisso.—Do Grupo dos atiradores civis do Atheneu.

ATIRADORES

Concorrem da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes:

Os srs.: J. Fraga Pery de Linde.—Joaquim

de Souza Padesca.—Manuel José Magalhães. João Consiglieri Pedrozo.—Adolpho Ferreira Lima.—Gil Vasques da Cunha Portocarrero.—Antonio Joaquim Rodrigues.—Joaquim Pedro Correia d'Andrade.—José Mendes de Gouveia.—Joaquim Marques d'Almeida.—João de Moraes Carvela.—M. L. Passarinho de Figueiredo.—Antonio Gonçalves Santiago.—Henrique Dumorá.—Agostinho Manuel de Souza.—Luiz d'Arêde Correia Saraiva.—Theodozio M. Baganha.—Ivens Ferraz.—Ligorio Silvestre da Silva.—Antonio Dias Falagueiro.

Do Grupo Patria:

Os srs. Gonçalo Heitor Ferreira.—Joaquim Fernandes Freitas.—João Pedro Fernandes.—Guilherme Silva.

Do Grupo Suisso:

Os srs. Alexandre Lenzinger.—Emilio Kesselringer.—Paulo Rohener.

Do Grupo do Atheneu:

Consta-nos que tambem concorrem atiradores d'este Grupo.

TIRO CIVIL EM BRAGANÇA

Secção de tiro em 15 do corrente

ARMA empregada—espingarda K^m 1886 e Snider.

Distancias 100, 200, 300 e 400 metros Alvos—normal quadrado e de figuras.

Atiradores—21.

Tiros feitos—168.

Tiros acertados—61.

Porcentagem do dia—36,3.

Tempo claro e sem vento.

No tiro de instrucção distinguiram-se: a 100 metros em cavallete Camillo Rodrigues que acertou 4 balas em 6 tiros ferindo a *mouche*, e A. Moura, que de 8 tiros acertou 4 ferindo tambem a *mouche*; a 300 metros, em cavallete, o atirador Lemos, que deu 6 tiros e meteu-os todos no alvo, batendo na *mouche* e formando em volta d'ella um agrupamento muito interessante; e a 400 metros, a braços, o atirador Gouveia que obteve 50 %.

No tiro de applicação, 2.^a classe, distinguiram-se: a 100 metros, atirando de joelhos a duas figuras deitados, o atirador Sebastião Lopes que de 6 tiros teve 4 pontos feridos; a 300 metros fazendo fogo deitados a duas figuras de pé os atiradores Amaral e Macias que de 6 tiros tiveram 3 pontos feridos.

Os atiradores Olympio Dias, dr. Cagigal, A. Pimentel, Valente e muitos outros obtiveram, no tiro a alvo de figuras, percentagens muito proximas de 50 %.

AVISO

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, das provincias, o obsequio de satisfazerem os recibos das suas assignaturas, que lhe serão apresentados pelo correio, por cuja intervenção, fazem a nossa cobrança.

A não satisfação dos documentos, implica para nós, novas despesas, que muito prejudicam a nossa administração.

Editor responsavel—Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL—Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216